

Durval Checchinato -RESUMO: Segundo Freud toda criação artística e literária é fruto do inconsciente. Ora, Fernando Pessoa em toda sua obra dá testemunho dessa verdade a ponto de o confessar explicitamente. Entre seus poemas que falam meridianamente do inconsciente, três, se destacam. Aqui proponho-me a contemplar um deles. PALAVRAS-CHAVE: - Poema – inconsciente – conhecido – desconhecido – sujeito – Outro.

ABSTRACT: Freud tells us that all artistic and literary creation arises from the unconscious. In the same vein, throughout his work, the Portuguese poet Fernando Pessoa bears witness to this same truth, and even explicitly admits of it. Among his poems that speak openly of the unconscious, three are especially noteworthy. My purpose here is to consider one of them.

Key Words: - Poem – unconscious – known – unknown – subject – Other.

Esse título engloba um vasto mundo. Ousaria dizer, toda a imensa obra do maior poeta da língua portuguesa. Pessoa produz sem cessar porque se entrega 24 horas por dia ao trabalho “que não cessa de não se escrever”. Seu inconsciente é de uma prodigalidade inacreditável: tudo brota com uma abundante generosidade e nada é desperdiçado. Não importa onde, não importa a hora, não importa no que, todo jorro é “transladado” para o real da escrita: guardanapo de papel, pedaço de papel de embrulho, retalho de uma folha-borrão, no escritório, na rua, na tasca, nos passeios, nada é perdido. Tudo se transforma em poesia: o escritório, as faturas, a correspondência comercial, os navios cargueiros ou de passageiros, o tempo, o espaço, as flores ou a “galinha que passa orgulhosa de seus pintinhos” (1974, p 37).

Porém, em toda sua obra há três poemas que nos descrevem seu vivo e atento relacionamento com os retornos de seu inconsciente. Tendo em conta a limitação do espaço dessa publicação, hoje vou me ater apenas a um deles. A trilogia será analisada em outro lançamento.

O Emissário do Inconsciente

Emissário de um rei desconhecido, Eu cumpro informes instruções de além, E
as bruscas frases que aos meus lábios vêm
Soam-me a um outro e anômalo sentido...
Inconscientemente me divido Entre mim e a missão que o meu ser tem, E a glória do meu Rei
dá-me o desdém Por
este humano povo entre quem lido...

Não sei se existe o Rei que me mandou.

Minha missão será eu a esquecer,

Meu orgulho o deserto em que em mim estou...

Mas há! Eu sinto-me altas tradições

De antes de tempo e espaço e vida e ser...

Já viram Deus as minhas sensações... (Pessoa, 1995, p. 128)

Emissário de um rei desconhecido, /Eu cumpro informes instruções de além. A licença poética permite um torneio na construção dos dois primeiros versos, sendo o primeiro oposto ao segundo.

Emissário: a riqueza semiológica desse vocábulo abrange, sob vários aspectos, conceitos já precisos do inconsciente.

Emissário denota desaguadouro tanto de águas já utilizadas como de águas portadoras de rejeitos humanos ou industriais destinados ou não ao tratamento e reuso. De todo modo, águas já não límpidas, águas carregadas de escórias ou contaminadas. Emissário, metáfora precisa de um aspecto do inconsciente: rede de esgoto que, avançando no mar, dejeta escórias humanas. Jogo ambivalente, mensagem de mensagem sub-repticiamente disfarçada, eis a

característica primeira das manifestações do inconsciente. Na realidade o inconsciente é o mais dinâmico emissário de nossos dejetos, de nossas escórias, de nosso núcleo de podridão moral e de vilezas: ódio, destruição, manipulação do outro, vingança, obscenidades, indiscrições, fracassos, nossas limitações, não raro dolorosas... Entendo que tanto emissário do primeiro verso como informe do segundo são metáforas “intencionadas” que claramente nos elucidam sobre a natureza do inconsciente.

De outro lado, emissário, “embaixador”, estafeta, agente encarregado de uma missão. De fato, “emissário” procede do latim “e-missarius”. Em latim, a partícula “e” indica afastamento, separação, e rege o ablativo. “Missarius” vem de “missio”, que significa missão. Assim, missa para os católicos é “enviada” por excelência, pelo próprio Cristo e para todos os tempos. A missão supõe então que alguém a “envie”, uma ordem a precede, a injunge. Por isso e-missário é cumpridor daquele que e-mite a missão. Missão é um significante de grave determinação para Fernando Pessoa. O tamanho dessa missão pode ser medido pelas pesadas “Palavras do Pórtico”: “Cada vez mais ponho na essência anímica do meu sangue o propósito impessoal de engrandecer a pátria e contribuir para a evolução da humanidade.” (Pessoa, 1995, p. 16)

O Poeta se dá conta de que ele é um e-missário; contudo, absurdamente, de um rei desconhecido. Rei é soberano! Rei impõe suas ordens e mandados.

Mas o rei de que se trata é desconhecido. E, no entanto, o Poeta se dá conta de que é portador de uma missão indeclinável: ele é um e-missário desse rei. Existe, então um reinado, mas um reinado dirigido por um rei desconhecido do qual o poeta-sujeito (Eu) se vê na missão inescapável de ser um embaixador. Missão estranha: como ser e-missário de rei e de reinado “desconhecidos”?

Estranha ainda mais: Eu cumpro informes instruções do além. Informes, deformadas, toscas, grosseiras, as instruções chegam impondo cumprimento. Não são claras, literalmente brincam com o princípio de contradição, são informes já que se apresentam como enigma. Pessoa capta finalmente a maneira contraditória de o inconsciente se comunicar. “In” é proposição latina que indica direção, empregada sobretudo com verbos de movimento, e rege o acusativo. Contudo, “in” é também partícula negativa. Assim, a habilidade do Poeta ao falar do in-consciente é perfeita: informe tanto é informação, comunicação, mensagem, como é algo sem forma, tosco, deformado, ou seja, informe é sinônimo de inconsciente. A expressão informes instruções reduplica a ambivalência, recurso por excelência do inconsciente. Assim, informes porque não informam e ao mesmo tempo são informes instruções.

Paradoxalmente são instruções, “ensinam” o e-missário. Elucidam-no sobre o além, o além do rei desconhecido. Esse rei desconhecido, jamais conhecido será. Esse rei chama-se Outro e reina em “outra cena”. Manifesta-se soberanamente. Aos poucos, em breves mensagens, a seu bel-prazer e a seu talento. Usa de artifícios jogando com o imaginário, projetando fantasias tão vivas que acreditamos ser reais. Na verdade são figurações de nossos reais, mas não nos advertimos deles, tão forte é a mensagem figurativa. Sonhos, atos falhos, o chiste, lapsus linguae, esquecimentos, lembranças encobridoras, denegações, vácuos de fala, o dito pelo não-dito, o dito pela metade, o silêncio brusco... Essencialmente o mal-entendido que é específico à linguagem. A “pressão intencional” desse rei Outro não cessa de se revelar em miríades de aparições:

A experiência analítica permite-nos experimentar a pressão intencional. Nós a lemos no sentido simbólico dos sintomas, a partir do momento em que o sujeito renuncia às defesas pelas quais os desvincula das relações que eles mantêm com sua vida cotidiana e com sua história – na

finalidade implícita de suas condutas e suas recusas, nos fracassos de sua ação, na confissão de suas fantasias privilegiadas, nos rébus da vida onírica. Quase podemos medi-la na

modulação reivindicatória que às vezes sustenta todo o discurso, em suas suspensões, suas hesitações, suas inflexões e seus lapsos, nas inexatidões do relato, nas irregularidades da aplicação da regra, nos atrasos para as sessões. Nas ausências premeditadas, muitas vezes nas recriminações, nas censuras, nos medos fantasmáticos, nas reações emocionais de cólera e nas demonstrações para fins intimidatórios, sendo tão raras as violências propriamente ditas quanto o implicam a conjuntura de apelo que levou ao médico o doente e a transformação dela, aceita por este último, numa convenção de diálogo. (Lacan, 1995, p. 106/107)

Porém, esse rei desconhecido paradoxalmente sabe ser generoso, benevolente, ele não se importa de ser retalhado de todas as maneiras, S(A), de possibilitar todas as leituras possíveis, todas novas criações, renovações sem fim. Pessoa tirou proveito dele, exauriu-o com o máximo de suas forças!

E as bruscas frases que a meus lábios vêm / Soam-me a um outro e anômalo sentido. Mais choca: ...as bruscas frases que aos meus lábios vêm.

As instruções chegam... Não aos meus pensamentos, à minha reflexão, ao meu ego, forte de ameias e guaritas, ou à minha vontade... Vêm aos meus lábios e em bruscas frases. Não há tempo para refletir ou pensar. Frases bruscas... Do italiano “brusco”, “grosseiro”, “rude”, indelicado... E, pior, imprevisto. O Poeta se dá conta de que, quando menos espera, seus lábios já pronunciaram as informes instruções do rei desconhecido. Pior, as palavras ditas, rude e imprevistamente, soam-me a um outro e anômalo sentido. E como chamar de instruções o que tem outro e anômalo sentido? Anômalo, fora da norma, da lei, da lógica, do propósito consciente. Imposição sorradeira de uma intenção duramente reveladora.

Todavia não há como escapar: ...instruções do além. Evidentemente não se trata de um transcendental, de um metafísico. Gravado em minúscula, além é um território “extraterritorial” dele mesmo, embora o rei desse reinado seja desconhecido. O sentido é outro, é de além daquele que se poderia supor. Não bastasse, é anômalo. Além da linguagem, da razão, do logos, não raro, neologismos absurdos. Por isso, informes elas a contradizem.

No “Cancioneiro” o Poeta volta, por duas vezes, a empregar o adjetivo informe:

[...] Chegado aqui, onde hoje estou, conheço Que sou diverso no que informe estou. (Pessoa, 1995, p. 159)

Ao voltar-se ao passado constata que sou diverso no que informe estou. A essa altura da vida, o Poeta constata que não está con-forme ao que ele almejou: informe estou. Isto porque informes instruções o fizeram (estou) diverso dele mesmo.

Neste momento insone e triste Em que não sei quem hei de ser,

Pesa-me o “informe” real que existe

Na noite antes do amanhecer (Pessoa, 1995, p. 163)

O Poeta amadureceu. Já não interroga mais as informes instruções. Rendeu-se. Não sei quem hei de ser. Simplesmente constata sua descoberta desconcertante: Pesa-me o informe real que isto sim ele sabe que existe. E existe precisamente na noite antes do amanhecer, sobretudo no sonho e no momento insone e triste em que não consegue conciliar o sono.

Mas esse além lhe é familiar, sabe ser seu:

Deixo de me incluir Dentro de mim. Não há

Cá-dentro nem lá-fora. (Pessoa, 1995, p. 131)

O Eu que é verdadeiramente seu vem do além. Não adianta insistir num eu que não vem do além: Deixo de me incluir dentro de mim, pois é dentro de mim que verdadeiramente me inclui.

Por isso nem dentro nem fora, nem profundo nem superficial, nem interno nem externo, nem cá, nem lá... Simplesmente, Não há cá-dentro nem lá-fora. Sua intuição poética descobre que a banda tem um só lado, nem fora, nem dentro. Moebius não lhe é necessário. Essa topologia lhe foi revelada por informes instruções e frases bruscas que só percebia depois de tê-las dito. Nada mais que manifestações do rei desconhecido. O Poeta nos revela a descoberta desconcertante dessas manifestações:

Inconscientemente me divido Entre mim e a missão que o meu ser tem, E a glória do meu Rei dá-me o desdém Por

este humano povo entre quem lido... (Pessoa, 1995, p. 128)

A condição do Poeta é dramática: inconscientemente me divido; mim e a missão injungida. Fal'ente divide-se de si mesmo. A fala e ele, eis a noção nítida de seu dramatis persona. Informes instruções e ele. Vive na ausência de si mesmo. Viceja entre mim e a missão que meu ser tem. Seu ser tem uma missão, pois ele é um e-missário. Primeira missão: "ser". Eterna falta para ser. Incabidamente ser. Angústia (que não falha) e dever. Não há como parar, sopitar o impulso. Trata-se de uma injunção ética: não há como não acolher a pulsão para poder caminhar por este humano povo entre quem lido. É condição do humano povo. Furtar-se seria excluir-se do "opus civilizatório", exilar-se da cultura; consequência: nem "humano" e nem "povo".

Segunda missão: aquela que meu ser tem, que não é de nenhum outro ser, que só eu, único no mundo, com nenhum antes ou depois de mim, simplesmente aquela que meu ser tem. Há UmPoeta, Poeta maior consagrado inteiramente à grandeza, à glória de Portugal!

A condição de humano povo não é menos trágica: o rei desconhecido goza de uma glória sádica. Além de brusca, tosca, é desdém. O rei desconhecido é absoluto: não respeita o e-missário. Ao mensageiro a missão indiscutível da conta a pagar. Ela é simplesmente imposta. Debalde dela fugir, providenciar-lhe desculpas ou justificativas, desviar a atenção, fazer de conta que não a leva a sério... Subterfúgios que apenas borram tudo! Absolutamente inútil: não acolhida, ela certamente voltará sob outra forma, quiçá mais toscamente ainda em forma de doença. Não há como escapular, é a condição de fazer parte do humano povo entre quem lido. O Poeta se rende ao inconscientemente me divido e constata:

Entre o sono e o sonho, Entre mim e o que em mim É o quem eu me suponho, Corre um rio sem fim (Pessoa, 1995, p. 171)

Realmente inacreditável a riqueza do ser humano: o Poeta, dividido entre mim e o que em mim, ele constata que é o quem eu me suponho e percebe então que viver no exílio da ex-sistência permite que disponha, para a criação contínua de suas obras, da energia de um rio que corre sem fim. Esse rio é a pulsão transformada em logos.

Ao contrário de se defender das informes instruções, ele as saúda, abrindo-se amplamente a elas:

Eia telegrafia-sem-fios, simpatia metálica do Inconsciente (Pessoa, 1995, p. 311)

O syn-pathos do inconsciente é da mesma natureza do recalçado. Soa-lhe nitidamente como seu metal tangido! Embora telegráfica, percebe que é de mesma essência - o timbre é o mesmo, pois procede de um mesmo metal percutido: o ouro do logos. Diante dessa certeza, Não sei se existe o Rei que me mandou Minha missão será eu a esquecer Meu orgulho o deserto em que em mim estou (Pessoa, 1995, p. 128)

Ao negar não sei se existe o Rei (aqui com letra maiúscula) que me mandou, longe de estar sendo cínico ou avestruz ("avestroutro"), na verdade afirma uma certeza: o grande Outro não existe. O grande Outro, o Rei que me mandou, é ordenador, é referencial no qual toda fala,

toda linguagem pode alcançar virtualidade de existir. É o lugar topológico onde o simbólico circula e o significante descobre seu significado. O grande Outro, o Rei com letra maiúscula, é o operador de toda e qualquer mensagem que se constitua. Sem ele a trama e o trauma seriam impossíveis. Até mesmo as informes instruções de além só são instruções porque vêm de além, do Outro.

Nesse entre mim e a missão que meu ser tem, minha missão será eu esquecer. O recalque vem em ajuda ao Poeta, confere-lhe um refrigerio, a graça de esquecer. Senão como dar conta de tão abundantes informes? Por isso, meu orgulho o deserto em que em mim estou. Orgulho, satisfação de elaborar as mensagens, de as “transmudar” em opus poeticum, não as desperdiçando e, ao mesmo tempo, “esquecendo-as” para que o jorro da criatividade, de novo, não cesse, e possa infundamente recombinar-se em novas instruções.

Agora o deserto em que em mim estou está pronto novamente. Em mim está disponível, pronto para uma nova arrancada. Já não é mais entre mim e a missão, em mim se tornou deserto. Se é deserto onde ele está é porque o terreno está limpo, pronto para ser recuperado, fecundado. Em mim estou... e não sou, porque estando em deserto de imagens e bruscas frases posso ser o contínuo e-missário do Rei desconhecido. Sempre disponível, aberto a uma nova cartografia. Somente os não-incautos erram! Lacan, ou Pessoa: Substitui-te a ti-próprio. Tu não és bastante para ti. Sê sempre imprevisto por ti-próprio. Acontece-te perante ti-próprio. (Pessoa, 1974, p. 38)

Mas há! Eu sinto-me altas tradições De antes de tempo e espaço e vida e ser... Já viram Deus minhas sensações... (Pessoa, 1995, p. 128)

Mas há!, Es gibt, Heidegger, il y a, Levinas, Y a de l'Un, Lacan...

Es gibt em vez de “há”, “dá-se”: o dom da palavra, o dom do existir, o dom do Ser. Es gibt é menos afirmativa do existir que dom do que acontece, melhor do que eu, faz acontecer. Es gibt é a pródiga e fecunda consciência que “dá sentido às coisas”:

O homem está postado de tal modo, no interior da abordagem pela presença, que recebe como dom o presentear que dá-Se, enquanto percebe aquilo que aparece no presenti-ficar. Não fosse o homem o constante destinatário do dom que brota do “dá-Se-presença”, não alcançaria ao homem aquilo que é alcançado no dom, nesse caso o ser não apenas ficaria oculto na ausência deste dom, nem apenas também fechado, mas o homem permaneceria excluído do âmbito e do alcance do: Dá-Se ser. O homem não seria homem. (Heidegger, 1972, p. 52)

“Dá-se” Poeta, “dá-se” um grande homem, “dá-se” Fernando Pessoa. E Pessoa tem consciência profética de sua missão: “E isto leva a crer que deve estar para muito breve o inevitável aparecimento do poeta... Porque fatalmente o Grande Poeta que este movimento gerará, deslocará para segundo plano a figura até agora primacial de Camões.” (Pessoa, 1995, p. 18) Il y a, há, situação do ser impessoal, indefinido. Levinas propõe romper com esse haver impessoal. Trata-se de uma condição ética para o ser: isso só é possível na condição de ser-para-o-outro:

Para sair do “há” não é necessário pôr-se, mas depor-se; fazer um ato de deposição, no sentido em que se fala de reis depostos. A deposição da soberania pelo eu é a relação social com outrem, a relação des-inter-essada. Escrevo-a com três palavras para realçar a saída do ser que ela significa. Desconfio da palavra “amor”, que está estragada, mas a responsabilidade por outrem, o ser-para-o-outro, pareceu-me desde essa época parar o rumor anônimo e insignificativo do ser. É sob a forma de uma tal relação que me surgiu a libertação do “há”. (Levinas, 1972, p. 43)

Somente sendo para o Outro o eu emerge da condição do il y a, do há, e pode escapar a imanência do ser.

Fernando Pessoa empenhou sua vida em ser-para-o-outro. Desde os cinco anos, no florescer de sua inteligência, já se abre ao Outro com sua primeira poesia. A adversativa, Mas há! e o ponto de exclamação explicitam a convicção de sua missão: “Viver não é necessário; o que é necessário é criar.” (Pessoa, 1995, p. 15) Mas há! um Fernando Pessoa dotado de uma imensa riqueza interior, Mas há! um Fernando Pessoa integralmente entregue à promoção do outro e ao engrandecimento de Portugal.

Y a de l'un (Lacan, 2003), há Um. Pessoa sempre esteve vivamente cômico do peso e do sentido de ser Um entre os poetas da língua portuguesa e da literatura universal. Mas “Um” como Um era Aquele que se declarou: “Eu serei o que serei” (éheyeh ashér éheyéh), (Êxodo, 3.13-14), a pura diferença. Nem imagem, nem figura, nem representação alguma. Há Um, Fernando Pessoa, único. Poeta-Um: a mais lúcida consciência de si, de sua subjetividade. Não um da série de poetas e sim, a certeza de singularmente poeta-Um. Mas há! nos lances ininterruptos do Rei desconhecido, faz-se e-missário Único. Mas há! entre tudo e todos, entre mim e a missão, eu, Fernando Pessoa, especificamente diferente, por isso, “uniano”. Um puro representante de eu ser. Lacan, ao usar o recurso do y a de l'Un, atingiu o ápice do específico da singularidade do sujeito humano. A psicanálise se deslumbra diante de sua descoberta: frente a cada paciente, a cada ser humano, Há Um. Isso é simplesmente sublime, abissal. E embora “Um”, Eu sinto-me altas tradições de antes de tempo e espaço, e vida, e ser. Altas tradições: toda a cultura de seu tempo, sobretudo as transformações trazidas pela industrialização dos países europeus, as grandes correntes filosóficas, as religiões, o ocultismo, os grandes escritores, toda a literatura clássica e a de seu tempo: Homero, Virgílio, Camões, Shakespeare, Milton, Dante, Petrarca, Castelo Branco, Eça de Queiroz, Walt Whitman... Eu sinto-me Altas tradições... de antes de tempo: Pessoa leu tudo o que o precedeu em matéria de literatura universal.

De antes... de espaço: África do Sul, Portugal, sobretudo Lisboa... Seu espírito, embora consagrado à glória de Portugal, é todo o universo...

De antes de vida: ao vir ao mundo precederam-lhe uma mãe culta, um pai jornalista, uma tia, ilustre poetisa, a transmissão de uma inteligência privilegiada e o mais fino sentido dos seres e das coisas. De antes de ser: as altas tradições que o precederam, um lugar privilegiado para expandir sua inteligência e o dom precioso de sua criatividade poética lhe conferem um apelo iniludível: De antes de ser as altas tradições o interpelam ininterruptamente para ocupar o lugar do “Um”, há Fernando Pessoa. Continuamente, oportuna e inoportunamente, Ser, ser por excelência o Poeta da língua portuguesa até que a morte o tolhesse. E-missário de missão tão gloriosa: já viram Deus as minhas sensações... Se considerarmos “Palavras de Pórtico” (Pessoa, 1995, p. 15) a “Prece” (Pessoa, 1974, p. 33), o “Compromisso Paradoxal” (Pessoa, 1995, p. 33) e a invocação a “Nossa Senhora” (Pessoa, 1974, p. 312), esse verso já viram Deus minhas sensações me soa como uma confissão de estado d'alma do Poeta.

A que cume atingiu Fernando Pessoa em seu aperfeiçoamento humano, na exploração das virtualidades dos dons de uma vida tão rica? Que nos revela o Poeta? Já viram Deus minhas sensações.

Que sensibilidade lhe outorga tamanha graça? Em suas sublimações diurnas alcança o privilégio de as minhas sensações... viram Deus. Deus não comporta imagens nem figura. Deus é Logos. Deus fala. Mas fala à sua maneira, isto é, de infinitas maneiras, porque fala de Infinito. Por isso, ao Poeta Deus falou de maneira pessoana: graças à fala, fala-nos que suas

sensações viram Deus. Não poderia ser de outra maneira: a humana fala nada pode diante daquele que simplesmente se declara: “Sou quem sou”. Não há imagem, há simplesmente “Ser”, Deus. Está aí nossa impotência. Mas ele “fala”, a cada um, como “falou” a Pessoa: é por isso que de Deus só podemos ter “experiência”. Única. Real: Senão por uma diferença na alma. (Pessoa, 1995, p. 312) Jamais imaginária, pois no museu de nossas imagens (imaginário) não há possibilidade de ter uma que fosse d’Ele. As sensações de Pessoa são iniludíveis: já viram Deus. É o ápice de sua caminhada no processo contínuo de suas perenes sublimações. Graças a ter usufruído a fundo, sem reserva, de seu potencial poético, Pessoa produziu um avanço na cultura, na civilização portuguesa jamais igualado.

Trata-se do livro Fernando Pessoa e a sublimação, ora em retoques finais. Propus “escutar” seus versos e contrapô-los à “escuta” de versos e escritos dele próprio: sirvo-me, para tal trabalho, da psicanálise e da análise de texto proposta por Heidegger, sobretudo em *Das Wort e Die Sprache*.

Parlêtre, em francês: minha proposta de tradução, já que o francês usa “être” para “ser” e “ente” (Lacan chega a usar “l’être de l’étant” para poder traduzir Heidegger), eu proponho: fala-ente P fal’ente, uma vez que o ser humano é o único “ente” que fala, já que “ser” não é senão efeito de fala, é ex-sistência.

Y a de l’Un: duas dificuldades de tradução: o pronome “y” e o artigo partitivo. Ambos impossíveis de serem vertidos, sobretudo o partitivo. Uso um subterfúgio lingüístico: jogo com “há”, que seria tradução de il y a e “aí” que seria próximo de y, daí o neologismo compósito: haí. Como o português pode dispensar o pronome, il, que é importantemente supresso por Lacan, senão Um não seria ainda Um, também vem omitido na tradução.

Referências bibliográficas

Heidegger, M. (1972). *O Fim da Filosofia*. São Paulo: Livraria Duas Cidades Ltda. Lacan, J. (1998). *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

_____ (2003). *Seminário XIX (...Ou Pior)*. Salvador: Espaço Moebius.

Levinas, E. (1972). *Ética e Infinito*. Lisboa/Portugal: Edições 70, LDA.

Pessoa, F. (1995). *Obra Poética*. Rio de Janeiro: Edit. Nova Aguilar S/A.

_____ (1974). *Obras em Prosa*. Rio de Janeiro: Cia. José Aguilar Editora.